

# ***“Desde Piso e Marcgrave que ninguém com curiosidade tolerável descreveu a natureza brasileira”*: os relatos de Cook, Banks e Parkinson e a construção de imagens do Brasil colonial<sup>1</sup>**

“Indeed no one that I know of even tolerable curiosity has been here since Marcgrave and Piso”: the narratives of Cook, Banks and Parkinson and the construction of Colonial Brazil images

## **Ângela Domingues**

Investigadora do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e do Centro de História do Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa (CHAM/UNL – Lisboa/Portugal). Doutora e Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão.

e-mail: [adomingues@netcabo.pt](mailto:adomingues@netcabo.pt)

## **Resumo**

Partindo de uma reflexão sobre a fronteira colonial, este artigo pretende lançar a discussão em torno da noção do mar como fronteira. Na sua atracção pela fronteira continental, os historiadores secundarizam a fronteira marítima. Partindo de um estudo de caso – a primeira viagem de circum-navegação de James Cook e os relatos a ela associados – pretende-se contribuir para um melhor entendimento da *fronteira* colonial brasileira, bem como da forma como Impérios Europeus do século XVIII se pensavam a si e nas suas relações com os outros Impérios; e ainda, de como a *Europa das Luzes* se considerava quando se relacionava com as colónias de matriz europeia estabelecidas nos trópicos, ou, neste caso concreto, com o Brasil colonial.

## **Abstract**

Starting from a reflection on the colonial frontier, this article aims to open a discussion on the notion of the sea as a border. In its appeal of the continental border, historians put the maritime boundary in second place. Starting from a case study – the first voyage of circumnavigation of James Cook and the log books associated with it – we want to contribute to a better understanding of the colonial frontier of Colonial Brazil, as well as how European empires of the eighteenth century thought of themselves and its relations with other empires, and yet, as the Europe of the Enlightenment was considered as it related to the European colonies established in the tropics, in this case, Brazil.

## **Palavras-chave**

Colônia, América portuguesa/Brasil, relatos de viajantes, identidades, Iluminismo, história das ciências

## **Keywords**

Colony, Portuguese America/Brazil, travelers' accounts, identities, Enlightenment, science history

1

Uma primeira versão deste artigo foi submetida à *CEM/Cultura, Espaço & Memória*, revista do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320110104>

Almanack. Guarulhos, n. 01, p.35-51, 1º semestre 2011

artigos

35

Da Largura, que a terra do Brazil tem pera o sertão não tracto, porque athe agora não houve quem a andasse por negligência dos Portuguezes, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitão dellas, mas contentão-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos

(Frei Vicente do Salvador. História do Brasil. In: SILVA, Maria Leda Oliveira Alves da. *História e política no Brasil de seiscentos*. A História do Brasil de frei Vicente do Salvador, vol. II. p.320)

2

Esta referência a vários Brasis ou a um Brasil com vocações várias remete para a leitura de ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; NEVES, Guilherme Pereira das. Independência, autonomia e liberdade antes do liberalismo no Brasil (1808-1831). In: comunicação apresentada ao *Colóquio Luso-Brasileiro Territórios e Fronteiras do Poder* (ISCTE-IUL, Lisboa, 10-12 de Março de 2010).

4

É Lúcia Osório Silva que afirma que se alguns trabalhos da historiografia brasileira e argentina discutem a importância da fronteira na construção das sociedades sul-americanas, poucos consideram que esta experiência seja determinante na formação da identidade nacional e das suas instituições, contrariamente ao que terá ocorrido na América do Norte. Aqui, a fronteira terá contribuído para fortalecer os sentimentos dos americanos de fazerem parte de uma sociedade única e o debate gerado permitiu explicar o que era "ser americano" (v. SILVA, Lúcia Osório. *Fronteira e identidade nacional*. In: [http://www.abphe.org.br/congresso2005/textos/abphe\\_2003\\_101.pdf](http://www.abphe.org.br/congresso2005/textos/abphe_2003_101.pdf) (consultado 15.01.2010).

Quando associo numa mesma frase *fronteiras* e *Brasil colonial*, penso simultaneamente em *cartografia* e *religião*. Ou seja, e explicando melhor o que quero dizer, é que, se por um lado, visualizo o triângulo compacto que constitui o sub-continente sul-americano a que se sobrepõe um outro maciço triangular que representa o território brasileiro; por outro, não deixo de pensar no milagre que mantém este Brasil, constituído por uma multiplicidade de vários *brasis*, coeso enquanto entidade política e identitária que faz com que os brasileiros se reconheçam enquanto constituintes de uma nação.<sup>2</sup> Esta questão não é despicienda, encontrando-se, por exemplo, plasmada na reflexão política brasileira do período pós-independência: a não-união e a não-uniformidade de opinião existentes entre as diferentes províncias brasileiras eram fenómenos notados e temidos por políticos e pensadores de inícios de oitocentos, enquanto possíveis factores de fragmentação e de divisão política da nação.<sup>3</sup>

Questões como as da *identidade política* e *nacional* estão intrinsecamente associadas às *fronteiras* e à *integridade territorial* e remetem indubitavelmente para outro tipo de reflexões igualmente válidas, algumas de natureza conceptual e metodológica que, por mais que se conheçam e estudem, continuam a exercer interesse e fascínio.<sup>4</sup>

Apesar de ser mais do que óbvio, creio que um ponto de partida imprescindível para quem trabalha com identidade, fronteiras e territorialidade durante o período de formação do Brasil colonial passará pela utilização precisa de noções operativas, tais como: limites, fronteiras, demarcações, limites naturais, para além da reflexão inevitável em torno de geopolítica, identidade(s), nacionalidade, princípios legitimadores de soberania e possessão, "negociação ou partilha" de autoridade, válidos para contextos históricos específicos. Torna-se também necessário reflectir em torno da noção de poder político e militar como um vector simultaneamente necessário à defesa do território de agressões externas e sustentáculo de estratégias de conquista e expansão, com o objectivo de estender o território, incorporar populações e controlar recursos.

Mas outras questões podem ser também de interesse. Uma delas está relacionada com a construção da fronteira do Brasil colonial enquanto processo dinâmico que, iniciado no século XV, e não obstante os processos de correcção do velho tratado de limites ocorridos durante os séculos XVIII e XIX, continua a persistir no tempo.

Nesta linha, uma reflexão sobre a construção histórica da *fronteira* sul-americana encontra-se estruturada, de forma hábil, num artigo que Francisco de Solano escreveu na colectânea *Estudios (nuevos y viejos) sobre la frontera* (1991). Para este historiador, o Brasil nasceu, tal como nasceram outros territórios portugueses e castelhanos, em Tordesilhas. Nesta perspectiva, o que se interpretou neste tratado foram as zonas de influência e as fronteiras, reservando-se à iniciativa e capacidade de Portugal e Espanha a ocupação, distribuição e utilização do solo e povoamento de

terras. Embora rígida, a linha de demarcação era difusa e o desconhecimento geográfico, humano e ecológico da realidade colonial nas regiões fronteiriças era notório. Daí resultou a construção duma fronteira “en perpetuo vaivén, movediza, cambiante y dinámica” que não coincidirá com a linha demarcadora, uma fronteira em que os habitantes – mamelucos paulistas, habitantes dos sertões paraenses ou castelhanos dos vice-reinados – estiveram mais tempo em contacto do que em luta aberta e tiveram uma autonomia que lhes permitiu desenvolver formas de organização específicas, que implicaram todos os indivíduos sem excepção e pressupuseram o desenvolvimento de contactos que englobam desde os humanos e comerciais aos bélicos.

Acima de tudo, parece-me que, para este autor, a fronteira indeterminada e dinâmica, bem como os contactos que aí se estabelecem, são pontos-de-partida ou pretextos para a comparação primorosamente equilibrada das estruturas sociais, económicas e financeiras e dos vínculos naturalmente desenvolvidos pelas sociedades de fronteira ao longo de três séculos de expansão luso-espanhola.<sup>5</sup> Sobretudo, fica claro que, se no processo de construção da fronteira a sul, os contactos entre portugueses e espanhóis foram intensos a partir de quinhentos, noutras regiões mais a oeste e a norte este processo de aproximação e contacto e, por vezes, de tensão e conflito só viria a registar-se em setecentos. São exemplos concretos deste fenómeno Mato Grosso e a Amazónia.

Outro conceito interessante foi divulgado junto do público português nos idos de 1999 pela revista *Oceanos*. Refiro-me ao que AJR Russell-Wood desenvolve no artigo “Fronteiras do Brasil Colonial”. Nele, o autor, aplicando ao caso brasileiro o conceito de Frederick Jackson Turner de “fronteira como metáfora”, sai da noção de *fronteira* como mero limite físico, territorial, político ou geográfico, para valorizar o seu significado enquanto área de interacção entre diferentes culturas: no caso brasileiro, a europeia, a ameríndia e a africana. Para além disso, justapõe *fronteira* e *sertão*, um termo ambíguo que significava “terra de ninguém”, habitado por grupos marginais ou marginalizados pela sociedade colonial. Assim sendo, o *sertão* “não era uma fronteira num sentido político ou geográfico, mas antes, um estado de espírito. Sertão não era uma palavra neutra. Era bárbaro, caótico, não cristão, não civilizado, e hostil aos valores e princípios (justiça, cristandade, disciplina, estabilidade, boa administração) apreciados pelos portugueses. Era uma região esquecida por Deus e desconhecida do mundo civilizado. Resumindo, a civilização e a ortodoxia terminavam onde o sertão começava”<sup>6</sup>. O sertão significava simultaneamente eficácia de refúgio para os foragidos da justiça, da igreja, da opressão, e hipótese de oportunidade para bandeirantes e intermediários<sup>7</sup>, chegando alguns indivíduos a “fundir-se” com ele, como foi o caso de Domingos António que incorporou a palavra *Sertão* no nome. Violência, evasão e inortodoxia religiosa eram vectores que definiam a “cultura do sertão”, por vezes associadas aos confrontos que aconteciam entre as três culturas reunidas no Brasil.

A permeabilidade da fronteira colonial sul-americana parece-me uma outra noção pertinente. Resultante da aplicação dos limites acordados nos gabinetes europeus em territórios anteriormente ocupados por povos índios, as demarcações coloniais negociadas entre Portugal e Espanha ignoravam, assim, outros territórios – os ameríndios – que, de há muito, tinham estabelecido estruturas de comunicação, vias de migração, rotas de comércio, relações de parentesco e coligações interétnicas. Ora, esta

5

SOLANO, Francisco de. Contactos Hispano portugueses en América a lo largo de la frontera brasileña (1500-1800). In: SOLANO, Francisco de y BARNABEU, Salvador. *Estudios (nuevos y viejos) sobre la frontera*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, 1991. p.187-215.

6

RUSSELL-WOOD, AJR. Fronteiras no Brasil colonial. In *Oceanos*, Lisboa, n.40, p.9, outubro/dezembro de 1999.

7

Sobre o conceito v. “Régulos e absolutos”: episódios de multiculturalismo e intermediação no norte do Brasil (meados do século XVIII). In VAINFAS, Ronaldo; MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *Império de várias faces*. Relações de poder no mundo ibérico da época moderna. São Paulo: Alameda, 2009.

8

DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassallos*. Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p.226 e ss.

9

FERREIRA, Mário Clemente. *O tratado de Madrid e o Brasil Meridional*. Os trabalhos demarcadores das partidas do Sul e a sua produção cartográfica (1749-1761). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

10

LUCÍDIO, João António. *Fronteiras da Monarquia Portuguesa em América: rios Guaporé – Mamoré – Madeira (1748 – 1772)*. Apresentação de projecto nas 2<sup>as</sup> Jornadas *História dos Impérios Ibéricos*. Investigações em curso, CHAM / Pablo de Olavide (FCSH/UNL, Lisboa, 2 a 4 de Março de 2010).

11

GOLIN, Tau. *A fronteira*. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM, 2 vols, 2002.

12

GARCIA, Elisa Fruhauf. *As diversas formas de ser índio*. Políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América Portuguesa. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

13

FERREIRA, Mário Clemente. *O antemural da colónia*. Construção da fronteira em Mato Grosso no século XVIII. Apresentação de projecto nas 2<sup>as</sup> Jornadas *História dos Impérios Ibéricos*. Investigações em curso, CHAM / Pablo de Olavide (FCSH/UNL, Lisboa, 2 a 4 de Março de 2010).

14

NOGUEIRA, Ricardo José Baptista. *Fronteira: espaço de referência identitária*. *Atelier geográfico*, vol. 1, n.2, p.29, dez. 2007.

15

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. In: SILVA, Maria Leda Oliveira Alves da. *História e política no Brasil de seiscentos*. A História do Brasil de frei Vicente do Salvador. Tese (Doutoramento em História das Mentalidades). Vol. II. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006. p.320.

característica acentuou-se com a fixação dos agentes de colonização nas áreas de fronteira. Não obstante deverem defender os interesses dos estados coloniais, estes indivíduos tinham vontades e interesses próprios, nomeadamente de natureza comercial, que contrariavam a noção de fronteira estanque.<sup>8</sup>

Ainda um outro aspecto que não deixa de me fascinar é que a produção científica luso-brasileira que conheço melhor em torno do tema, toma sempre como objecto de estudo o continente, o interior e o acto de “*produzir a fronteira continental*”. Inspirados em referências clássicas e ainda modelares, como são os estudos de Jaime Cortesão, Arthur Cezar Ferreira Reis, Luís Ferrand de Almeida ou Francisco de Solano, Mário Clemente Ferreira<sup>9</sup>, João António Lucídio<sup>10</sup> e Nauk Maria de Jesus, Tau Golin<sup>11</sup>, Elisa Fruhauf Garcia<sup>12</sup>, entre outros, têm vindo a desenvolver estudos sobre a aplicação de procedimentos político-diplomáticos em relação a áreas geográficas específicas, privilegiando a organização administrativa, militar e religiosa em territórios ibéricos ou luso-franceses, ou fazendo incidir o cerne da sua abordagem na “revelação do espaço”, através do conhecimento geográfico e científico-natural e da representação cartográfica, protagonizados, por exemplo, pela actividade de bandeirantes e tropas de demarcação.

Estes trabalhos admitem, então, que a marcha para oeste, para o interior, e que a ocupação de “terras livres” continuam a ser assuntos historiograficamente férteis, sobretudo quando re-perspectivados à luz da afirmação da imagem do soberano na colónia e do fortalecimento do poder e da autoridade do Estado Moderno Português, não raras vezes negociada e partilhada com os poderes locais e os privados, ou da constituição de um sentimento de identidade colonial e pertença nacional, com significado particularmente importante nas franjas marginais das “conquistas brasileiras”.

A produção histórica lusa e brasileira encontra, então, e justificadamente, assunto fascinante e inesgotável na gesta épica constituída pela formação territorial do Brasil, seja com domínios hispano-americanos ou com a Caiena, ampliando as vertentes analisadas pelos estudos clássicos sobre o tema ou abrindo ainda novas perspectivas, nomeadamente ao nível da história comparada entre os impérios e da valorização dos contactos quotidianos (feitos de contrabando, espionagem, fuga, comércio consentido, amizades) que se constituíram entre as populações da “raia”.<sup>13</sup>

Contudo, na sua atracção pela *fronteira continental*, os historiadores esquecem ou secundarizam “o mar como a mais perfeita das fronteiras”<sup>14</sup>. De facto, e apesar das propostas das “novas amarrações da história colonial”, esta omissão do mar enquanto fronteira é historicamente enquadrável. A génese desta linha de abordagem/raciocínio que remete para um *horizonte continental* pode já encontrar-se no fino humor da metáfora usada por frei Vicente do Salvador, quando define o fenómeno como “negligência dos Portuguezes, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitam dellas, mas contentão-sse de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”<sup>15</sup>. Ou seja, apesar de ser dado adquirido que a colonização do Brasil se centrou, nos seus tempos iniciais, no litoral – é aqui que chegam os colonos, que se estabelecem os centros de decisão política, os núcleos urbanos e aldeamentos, as fazendas e engenhos; que se desenvolvem áreas produtivas; e se concentram pessoas, produtos, capitais, serviços e ideias –, este é sempre um ponto de partida para o interior, para o continente. As escolhas dos colonos de então e dos historiadores de hoje

16

A expressão é de ROSA, Carlos Alberto. O urbano colonial na terra da conquista. In: *A terra da conquista*. História de Mato Grosso colonial. Cuiabá: Editora Adriana, 2003. p.14.

17

PRICE, Richard (ed). *Maroon societies*. Rebel slave communities in the Americas. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1996.

18

RUSSELL-WOOD, AJR. Sulcando mares: um historiador do Império português enfrenta a "Atlantic History". In: *História*, São Paulo, 28 (1), p.21, 2009.

direccionam-se preferencialmente para o interior, seguindo os índios, as minas, o gado, os indivíduos, num processo de "estender o Império"<sup>16</sup>.

À semelhança da fronteira continental, também o litoral é simultaneamente fronteira geográfica e fronteira metáfora, resultado de um processo histórico, linha divisora de soberania, referência na construção e defesa do território colonial nacional. É igualmente uma via de fuga e refúgio, como demonstram os estudos sobre as fugas de escravos rebeldes e a formação de comunidades *maroon* nas Américas<sup>17</sup>; e surge como um imenso espaço de oportunidades, tal como é considerado na investigação de Ernst Pijning sobre contrabando e comércio ilícito, ou nos estudos de Luiz Felipe de Alencastro ou de João Fragoso sobre o contínuo intercâmbio entre Brasil e África.

Por outro lado, a Coroa portuguesa, ao exercer a sua soberania sobre um território delimitado por fronteiras, manifestava o seu poder também no mar, entendido como espaço de circulação detentor de valor estratégico, que importava defender e explorar. Esta opção de estudar a fronteira marítima poderá, de certo modo, integrar-se, no âmbito da história e da cultura atlânticas, na medida em que "pretende ser um exercício na integração das múltiplas dimensões do mundo atlântico, uma ênfase (...) nas conexões, interconectividade, redes e diásporas que ligam a Europa, as Américas e a África; transferência de indivíduos, de flora, de fauna, de mercadorias e produtos, seja de línguas, de culturas, de manifestações de fé e de costumes e práticas tradicionais". Mas não nega ou renuncia ao conceito de *fronteira* enquanto separação – mas também permeabilidade –, entre nações e, logo, enquanto factor de distinção entre indivíduos e culturas. Antes, quando a consideramos num contexto internacional de interação entre estados e nações europeias no Atlântico Sul, o termo *fronteira* é útil, porque permite uma percepção mais clara, mais lúcida do que é comum e do que é antagónico no encontro (e nos choques) entre *dois mundos*: o europeu continental e o colonial sul-americano<sup>18</sup>.

Nesta acepção, o Atlântico, para além de ser uma área compartilhada, moldada por uma história comum onde se cruzam rotas, pessoas, culturas, mercadorias, produtos de todas as partes do mundo, é também um espaço historicamente em tensão, com uma história específica que não pode ser contada isoladamente, mas que terá que ser relacionada com outros impérios, nomeadamente os europeus.

O presente estudo propõe-se contribuir para o estudo da *fronteira marítima*, da identidade colonial e da construção de imagens do Brasil pela Europa setecentista através dos testemunhos de viajantes que durante o século XVIII tocaram os portos brasileiros e desvendaram, através de textos, imagens e objectos, o Brasil aos olhares europeus. Este contributo assume-se, assim, como produto parcelar, provisório e datado de um projecto que começa a tomar corpo e constrói-se em torno da primeira viagem de circum-navegação de James Cook e dos relatos produzidos, incidindo sobre testemunhos de viajantes que permaneceram durante um curto período de tempo ancorados na Baía da Guanabara e que tiveram contactos brevíssimos com a sociedade colonial e a natureza brasileira. Estas relatos reflectem, por um lado, o que a Europa culta conhecia até então sobre o Brasil quando, por exemplo, utilizam como fonte informativa os relatos produzidos por viajantes anteriores (por exemplo Anson, Byron), e propõem-se concorrer com nova informação, resultante da observação directa de fenómenos que ainda não tinham sido vistos ou, nalguns casos, observados e

registados de acordo com as exigências e critérios científicos deste período, interiorizados por uma formação teórica e prática ministrada em academias, universidades e círculos intelectuais ou dependentes da utilização de instrumentos de observação e precisão cada vez mais evoluídos.

### A formação de um dandy: "Todos os tontos fazem isso [Grand Tour pela Europa]; o meu Grand Tour será à volta de todo o globo"

Os sistemas de ventos e correntes do Atlântico Sul fizeram do Brasil um local incontornável para escala de navios em circulação no Atlântico Sul, para quem, depois de algumas semanas a navegar em mar aberto, com a água e alimentos deteriorados, se dirigia aos mares do Sul, através do Cabo Horn ou do estreito de Magalhães, ou rumava em direcção ao Índico, pelo Cabo da Boa Esperança.

Os portos brasileiros tiveram um estatuto *sui generis* como pontos de encontro entre o continente e o oceano, como eixos nos movimentos de pessoas, mercadorias e no intercâmbio de informações, simultaneamente *fronteira física e fronteira metáfora*<sup>19</sup>. Era nos portos brasileiros que os estrangeiros que viajavam por águas do Atlântico Sul eram avaliados pelas autoridades coloniais em função do grau de ameaça militar ou comercial que podiam representar à "boa ordem da república". Era também aqui que se aplicavam medidas jurídicas com repercussões na política, na economia, na sociedade e na religião, criando-se para o efeito barreiras alfandegárias, inspecções sanitárias e necessidade de autorizações administrativas para a mobilidade de pessoas e mercadorias em território colonial.<sup>20</sup> Tal como era nestes portos que as diferenças civilizacionais e culturais, bem como as pressões política, económica e militar das grandes potências mais se faziam notar, com os recém-chegados a considerarem-se num patamar civilizacional superior perante uma sociedade colonial que, embora de reconhecida matriz europeia, era portuguesa e se desenvolvia nos trópicos.

De entre estes portos, o Rio de Janeiro parecia ser uma escala preferida por quem viajava pelo Atlântico Sul como, aliás, fica bem claro na profusão das descrições de viajantes, divulgados, por exemplo, em duas antologias recentemente editadas por Jean Marcel Carvalho França.<sup>21</sup> A "*literatura de viagem*" na qual estes relatos se integram, para além de revelar um saber empírico construído pelas observações *in loco* acumuladas ao longo de sucessivas viagens, é, a par da correspondência pessoal, normalmente valorizada pelos historiadores da ciência e do pensamento científico como mecanismo setecentista de produção e disseminação de conhecimento, e logo, de *comunicar ciência*<sup>22</sup>. Neste processo há que considerar que os viajantes instruíam-se lendo relatos de viagens anteriores, acumulando progressivamente dados e descrições textuais, visuais e orais e aproveitando-se das experiências de viajantes anteriores. A estas adicionavam as suas ex-periências de viagens, reflectindo, assim, um conhecimento constantemente corrigido de acordo com novas observações e descobertas.<sup>23</sup>

Mas os relatos podem também ser fontes válidas para um melhor entendimento da fronteira colonial e, assim, contribuir para um melhor entendimento de como os Impérios se pensavam a si e nas suas relações com os outros Impérios; e já agora, de como a Europa se considerava por contraste com outras civilizações ou com as colónias estabelecidas nos trópicos: "history was never a monopoly of Europe; and travellers' tales, whatever their claim to objectivity, were no more value-free than the

19  
RUSSELL-WOOD, AJR. Sulcando mares..., Op. Cit., p.57.

20  
Ibidem, p.60.

21  
*Visões do Rio de Janeiro colonial (Antologia de textos 1531-1800)*. Rio de Janeiro: EdUERJ e José Olympio Ed., 1999 e *Outras visões do Rio de Janeiro colonial*. Antologia de textos (1582-1808). Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2000; BICALHO, Maria Fernanda B. A cidade do Rio de Janeiro e a articulação da região em torno do Atlântico-Sul: séculos XVII-XVIII. In: *Revista Regional de História*, 3 (2), p.7-36, inverno 1998

22  
MCCLELLAN III, James. Scientific institutions and the organization of science. In: PORTER, Roy (org.). *Cambridge History of Science. Science. Eighteenth century Science*. Vol.4. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p.89.

23  
BICALHO, Maria Fernanda B. Diários de bordo, expedições científicas e narrativas de viagens: observações, descrições e representações do Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII). In: *Navigator*, 2010 (artigo no prelo, cedido pela autora, a quem expresso o meu agradecimento)

24

DURRANS, Brian. Venture to the exterior. In: SLOAN, Kim (org.). *Enlightenment. Discovering the world in the eighteenth century*. Londres: The British Museum, 2003. p.224.

25

BICALHO, Maria Fernanda B. Diários de bordo, expedições científicas e narrativas de viagens... Op. Cit.

26

CAPEL, Horacio. Geografía y arte apodémica en el Siglo de los Viajes. In: *Cuadernos críticos de Geografía Humana*, n. 56, ano IX, Marzo 1985.

27

DENING, Greg. The theatricality of observing and being observed: Eighteenth-century Europe "discovers" the 18th century Pacific. In: SCHWARTZ, Stuart B. (org.). *Implicit understandings: observing, reporting and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early Modern Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p.452.

28

O propósito primeiro desta viagem de circum-navegação, organizada conjuntamente pela Royal Society e Royal Navy, era claro: observar e registar o trânsito de Vénus na sua passagem pelo sol no local onde o fenómeno estaria claramente visível: o Pacífico Sul e Port Royal, no Tahiti.

29

BASSETT, Susan. Introduction. In: SPEAKER, Jennifer (org.). *Literature of travel and exploration: an Encyclopaedia*. Vol. 1. New York: Fitzroy Dearborn Publishers, 2002. p.xi.  
[http://books.google.pt/books?id=on2ShbwVz p4C&pg=PR11&pg=PR11&dq=%22the+them e+of+travel+runs+through%22&source=web&ots=kZaXy12pVu&sig=M2k2zM3zZ\\_fNGSe\\_UW-OL78pMiA&hl=pt-PT&sa=X&ei=book\\_result&resnum=2&ect=result](http://books.google.pt/books?id=on2ShbwVz p4C&pg=PR11&pg=PR11&dq=%22the+them e+of+travel+runs+through%22&source=web&ots=kZaXy12pVu&sig=M2k2zM3zZ_fNGSe_UW-OL78pMiA&hl=pt-PT&sa=X&ei=book_result&resnum=2&ect=result).

30

*James Cook's Journal of remarkable occurrences aboard His Majesty's Bark Endeavour, 1768-1771*. 1768 Description of Rio de Janeiro ([http://southseas.nla.gov.au/journals/cook\\_remarks/001.html](http://southseas.nla.gov.au/journals/cook_remarks/001.html)).

31

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. 1, 1768 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm)); WHITE, Richard. Making it up as you go along (extracto de *On holidays*). In: *The age* (<http://www.theage.com.au/news/Books/Making-it-up/2005/04/01/1112302220728.html>) (consultado em 18.03.10).

narratives or impressions of their hosts. Those whom Europeans met on their expeditions also met Europeans"<sup>24</sup>.

De entre as descrições que foram produzidas por viajantes europeus durante a segunda metade de setecentos, há algumas que merecem, neste momento, uma atenção particular, por terem contribuído, pelos objectivos e impacto que tiveram, para o "redimensionamento da imagem do mundo, substituindo a figura da terra geometricamente ordenada por um mosaico de povos e culturas"<sup>25</sup>. São elas, as decorrentes da primeira viagem de circum-navegação do capitão James Cook, a saber: três diários de viagem (James Cook, Joseph Banks, Sydney Parkinson) e um "relato oficial", resultante da síntese dos diários de Cook e Banks, publicado numa antologia de textos (John Hawkesworth). As quatro relações detêm particular interesse para o entendimento das questões acima apontadas, sobretudo quando confrontadas com cartas particulares e com correspondência oficial trocada com autoridades portuguesas e ainda quando se considera os desenhos e os esboços ou as curiosidades recolhidas no decurso da viagem, nomeadamente as relacionadas com o Brasil.

A primeira viagem de circum-navegação de Cook ocorreu num curto período de tempo em que inúmeras expedições financiadas pelos governos de França (Bougainville e La Perouse), Inglaterra (Byron, Wallis, Carteret e Cook), Espanha (Malaspina) exploraram o globo com a obrigação de observar, descrever e publicar e de contribuir para a civilização dos povos bárbaros, ensinando-lhes o significado de bandeiras e canhões, de propriedade e comércio, de comportamento civilizado.<sup>26</sup> "But they were always conscious that this theatre was always a play within a play – about world, systems of power, about reifications of empire, about encompassing the globe and hegemony", porque descobrir significava tanto descobrir um local, como descobri-lo para alguém – e transmitir esse conhecimento em livros vendáveis, consumidos por um público curioso e ávido de notícias sobre mundos diferentes, exóticos.<sup>27</sup>

Os papéis de Cook, Banks e Parkinson espelham indiscutivelmente os seus autores enquanto indivíduos: os seus génios, interesses, objectivos, a sua formação enquanto homens de ciência ou com interesses científicos, e as suas notórias diferenças sociais.<sup>28</sup> Tal como afirma Susan Bassnett, "Travellers write about what they see, and their perceptions are shaped by the cultural context from which they come and by all that they have read and experienced in that culture"<sup>29</sup>.

Assim, enquanto que o relato de Cook, filho de camponeses, empregado desde muito jovem num canteiro de construção naval em Whitby e formado na Marinha britânica, reflecte os interesses dum oficial naval, escolhido pelo Almirantado Britânico como chefe da expedição e representante de nação britânica, está repleto de referências náuticas e incidentes de viagem com interesse para a navegação – reconhecimento do litoral e de baías, descrição de portos onde os navios podiam encontrar abastecimento e socorro fácil, profundidade das águas, latitudes e longitudes<sup>30</sup>; o de Banks espelha os interesses de um jovem aristocrata formado na Universidade de Oxford que, considerando banal fazer o seu *Grand Tour* pela Europa, o substitui por uma viagem em torno do globo, elaborando um relato onde regista, classifica, descreve espécimes (especialmente os vegetais) e ordena mundos que se iam abrindo perante si, filosofando sobre questões como *progresso* e *civilização* – e reflectindo sobre povos e nações, produções, hábitos, religião, governos<sup>31</sup>; e, finalmente, o de Parkin-

A journal of a voyage to the South Seas in His Majesty's Ship The Endeavour, faithfully transcribed from the papers of the late Sidney Parkinson, draughtsman to Joseph Banks, Esq. on his late expedition with Dr. Solander, round the world Embellished with views and designs delineated by the author and engraved by capital artists..., (<http://southseas.nla.gov.au/journals/parkinson/001.html>) (consultado a 25.01.2010).

33

WHITE, Richard. Making it up as you go along (extracto de *On holidays*)... Op. Cit.

34

HAWKESWORTH, John. *Relation des voyages entrepris par l'ordre de Sa Majesté Britannique et successivement exécutés par le Commodore Byron, le Capitaine Carteret, le Capitaine Wallis et le Capitaine Cook, dans les vaisseaux le Dauphin, le Swallow, et l'Endeavour*; traduite de l'anglais, tomos I a VIII. À Paris: Chez Saillant et Nyon et Panckoucke, 1774.

35

PARKINSON, Sidney. *A journal of a voyage to the South Seas in His Majesty's Ship The Endeavour...*, Op. Cit.

36

PUNTIN, Isabelle. O papel das traduções nos intercâmbios científicos europeus nos séculos XVI e XVII. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (org). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.202.

son, reflectindo uma posição menos "oficial" e mais espontânea, esclarece questões pouco claras nos outros, descrevendo rotas, sinais de terra, espécies avistadas, mas também a morte de um marinheiro e as intenções, restrições, cautelas, justificações das "atitudes oficiais" dos responsáveis pela viagem<sup>32</sup>. Quanto ao último relato, o de Hawkesworth, não é uma colectânea enciclopédica de textos de viajantes, na linha de Haklyut, Thevenot ou Prévost, mas centra a sua atenção nas viagens que, na sua opinião, mais teriam contribuído para o conhecimento náutico e científico à escala terrestre: as de Byron, Wallis, Carteret e Cook. Assim, esta narrativa é construída pela fusão coerente dos papéis de Cook e Banks, que, depositados no Almirantado britânico ou detidos pelos respectivos autores, dão origem a numa "estratégia de propaganda" destinada a glorificar a nação inglesa como potência marítima plenamente consolidada neste período e a exaltar a coroa britânica que, numa conjuntura de paz e prosperidade relacionada com o final da Guerra dos Sete Anos, promoveu viagens com propósitos científicos. Neste texto, as observações científicas alternam com ditos jocosos, alusões literárias, acidentes divertidos, fazendo de *An account of the voyages undertaken by the order of His Present Majesty for making discoveries in the Southern Hemisphere...* um livro popular, que num curto espaço de tempo conheceu várias edições a preços acessíveis, bem como algumas traduções em francês e alemão: "a popularity only enhanced by condemnation of its "immoral" content", relacionado com as descrições de carácter e hábitos dos diferentes povos que habitavam o globo, do Atlântico ao Pacífico.

Importa salientar que motivos económicos, culturais e de recreação justificavam a rapidez na disseminação destas viagens e do conhecimento por elas permitido sobre novas gentes, novos produtos, outros continentes. Um interesse em conhecer os *outros*, potenciais aliados ou inimigos, por razões instrumentais relacionadas com vantagens diplomáticas, classificação científica, especulação filosófica, ou simplesmente por puro entretenimento.<sup>33</sup>

A viagem de Cook e os relatos a que dava origem pretendiam contribuir para o melhor conhecimento de litorais e ilhas até então desconhecidos, para a segurança dos mares, o progresso do comércio, o desenvolvimento das nações e o bem-estar e felicidade dos povos. No entendimento dos envolvidos – tanto os que promoviam e executavam as viagens, como os que escreviam e disseminavam os resultados –, estas iniciativas beneficiariam não só a Inglaterra, como toda a Humanidade. Implícita estava a obtenção de reconhecimento internacional (leia-se europeu) da superioridade marítima e científica britânicas.<sup>34</sup> Uma das estratégias adoptadas para "dar esta informação ao mundo" era o texto editado.<sup>35</sup> Mais do que os manuscritos, os impressos eram acessíveis a um público cada vez maior e mais cosmopolita, que considerava *a obra* como uma espécie de bem-comum (*bonum publicum*), pertença da comunidade dos filósofos e das pessoas letradas.<sup>36</sup>

Apesar da diversidade de formação e das "agendas" dos autores dos relatos, depreende-se que há uma espécie de "questionário" que se encontra subjacente às observações que efectuem. Este espelhava o que Cook, Banks e Parkinson, homens ilustrados do seu tempo, valorizavam na recolha de informação, tanto em relação ao "mundo natural", como ao "mundo artificial", um questionário eclético e com pressupostos utilitários<sup>37</sup>: questões ligadas à marinharia e à náutica, de incontestável



37

Esta ideia de "questionário" implícito é reforçada quando se comparam os vários relatos, tomando também em consideração locais diferentes como, por exemplo, Madeira e Rio de Janeiro.

38

FLORES GUZMÁN, Ramiro. El enemigo frente a las costas. Temores Y reacciones frente a la amenaza pirata, 1570-1720. In: ROSAS LAURO, Claudia (org.) *El miedo en el Perú, siglos XVI al XX*. Lima: Fondo Editorial, PUC-Perú, 2005. p.33-34.

39

AHU, CU, Rio de Janeiro, 017, cx. 89, doc. 7827, Auto de exame feito ao *Endeavour* a 13 de Novembro de 1768.

40

AHU, CU, Rio de Janeiro, 017, cx. 87, doc. 7647, Ofício do conde de Azambuja a Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre a chegada de James Cook ao Rio, de 28 de Novembro de 1768.

interesse para a navegação, incidindo particularmente na descrição de sistemas de ventos e correntes, profundidade das águas, condições climáticas, sinais distintivos de proximidade de terra e formas de identificação de portos; descrição de portos, fortificações, sistemas de vigilância e defesa e protocolos de entrada e amaragem; informação sobre o clima e temperatura do ar; reflexões sobre a evolução das sociedades, os seus costumes e "carácter," patentes em observações de natureza demográfica, diversidade étnica, temperamento, alimentos, moedas; informação relacionada com a natureza: observações filosóficas e naturais, com especial relevo para as botânicas (frutas, vegetais, plantas medicinais), dados sobre produções agrícolas, estado da agricultura e desenvolvimento de outras actividades, tais como a criação de gado, manufacturas, minas; descrição de núcleos urbanos, traçado de ruas e casas; equipamento urbano (fontes, aquedutos), igrejas; organização política e formas de governo.

A passagem de Cook pela baía da Guanabara pode ser considerada, do ponto de vista das relações oficiais e individuais, como politicamente tensa. Os recém-chegados eram membros de uma nova potência com enorme poder naval; eram estranhos que se imiscuíam na vida quotidiana e no universo mental coloniais; eram estrangeiros vistos com receio, desconfiança e, por vezes, medo, tanto pelas autoridades coloniais, como pelas populações.<sup>38</sup>

No sentido de regular intrusões de estrangeiros, a coroa legislou ao longo do século XVIII com o propósito de limitar ao máximo presença destes indivíduos em território colonial, legalmente restringida a necessidades imperiosas, decorrentes de abastecimento e aguada, reparo de embarcação e socorro em caso de doenças ou, então, a contactos comerciais limitados, ligados à venda de "carga viva", os escravos, e das mercadorias estritamente necessárias para pagar as prestações de serviços (calafetagem, carpintaria, cuidados médicos) e os alimentos. De igual modo, a fortaleza de Santa Cruz e os fortes no sopé do Pão de Açúcar, colocados à entrada da baía, a cidadela de S. Sebastião e as fortificações da ilha das Cobras, Boa Viagem, S. Domingos, Villegagnon, cumpriam uma função vigilante na defesa da cidade, secundados por vários regimentos de tropas regulares e de milícias na defesa da *fronteira colonial*. Esta componente militar não passou despercebida ao olhar treinado de James Cook, que descreveu, com alguma atenção, a organização militar e os sistemas de defesa da cidade.

Temendo que os recém-chegados constituíssem uma "ameaça à boa-ordem da república" e quisessem atacar o Rio de Janeiro ou dedicar-se a alguma actividade comercial abusiva, o vice-rei conde de Azambuja aplicou escrupulosamente a legislação que regulamentava a amaragem dos navios a território brasileiro: o oficial que Cook enviou a terra com ordens para ser evasivo sobre o destino final da viagem, foi tomado como "refém" temporário enquanto não se procedeu à inspecção do navio e esta inspecção foi registada num auto de exame que revela como Cook foi inquirido sobre a origem, destino e propósitos da viagem, número de oficiais e tripulação, capacidade da embarcação e quantidade de canhões, o tipo de carga e as razões pelas quais tinha aportado ao Rio de Janeiro.<sup>39</sup> Não tendo estes contactos iniciais contribuído para apaziguar as desconfianças do conde de Azambuja em relação aos objectivos britânicos, mandou o vice-rei bloquear a embarcação por escaleres e não foi permitido a ninguém ir a bordo sem escolta ou desembarcar sem ser em companhia de uma sentinela e apenas em frente do palácio do vice-rei.<sup>40</sup>

Os protestos de Cook, logo secundados pelos de Banks, chegaram sob a forma de vários memoriais e de correspondência enviada para Inglaterra via Lisboa: o modo como a recepção aos ingleses foi conduzida era considerado como "uma indignidade" e "um insulto [que] nunca foi antes admitido por nenhum comandante de hua nau de guerra pertencente a Sua Magestade Britânica" e "huma brexa daquela cordialidade e amizade que tanto tempo tem subsistido entre Suas Magestades Britânica e Fidelíssima"<sup>41</sup>.

41

AHU, CU, *Rio de Janeiro*, 017, cx. 87, doc. 7647, "O memorial do tenente Diogo Cook, comandante da nao de Sua Magestade Britânica a *Endeavour* a S. Exa. conde Rolim, vice-rei e capitão-general dos Estados do Brasil", de 17 de Novembro de 1768.

42

PARKINSON, Sidney. *A journal of a voyage to the South Seas in His Majesty's Ship The Endeavour...*, (<http://southseas.nla.gov.au/journals/parkinson/001.html>) (consultado a 25.01.2010)

43

British Library, *Miscellaneous Papers*, Add. 34 733, fl.38, Relatório dirigido a Earl de Morton, Presidente da Royal Society, por Daniel Charles Solander, de 1 de dezembro de 1768.

A vigilância imposta aos britânicos destinava-se a impedir o seu desembarque no Rio, algo por que eles ansiavam desde o início, quando tinham avistado o litoral coberto de palmeiras e de árvores que lhes eram desconhecidas. Tentavam iludir este controle descendo por uma corda até um bote e indo depois a terra, o que lhes permitia fazer algumas excursões em zonas menos frequentadas<sup>42</sup>. Os protestos que expressavam a sua decepção eram particularmente ensurdecedores quando davam conta que a tripulação dum navio espanhol, que tinha chegado na mesma altura, tinha desembarcado tranquilamente, enquanto que eles permaneciam enclausurados no *Endeavour* havia três semanas.<sup>43</sup> Não obstante, os principais membros da tripulação puderam ir a terra e, embora atestando a injustiça de desconfianças e acusações relacionadas com comércio ilícito, Cook notava a abundância e o bom preço das provisões; Solander foi a terra para socorrer um frade e passear pela cidade; e Banks passou um dia a recolher pássaros e plantas em torno da baía da Guanabara, e a par da aquisição de alimentos, menciona também a compra de ouro e pedras preciosas, como topázios e ametistas.

***Um gentleman a bordo: "Nunca nenhum grupo se lançou ao mar que fosse mais indicado para a causa da História Natural, nem que cumprisse o propósito tão elegantemente..."***

Relatos, correspondência e memoriais são elementos fundamentais para perceber, através deste estudo de caso, as fronteiras culturais existentes entre a sociedade britânica e a sociedade *luso-brasileira*, num período em que a Inglaterra era um *theatrum mundi*, uma referência para os ilustrados.

Nesta apreciação contava o facto de o mundo parecer diferente quando visto de um barco, influenciando o modo como os viajantes se definiam perante os *outros* e em relação a si próprios – "I twice remonstrated to His Excellency telling him (...) my business and who I was". Neste caso, quem eram estes viajantes, ou para ser mais precisa, como se consideravam? Evocando aqui algumas questões já sugeridas por Anne Secord com outros objectivos – o da construção de redes dos circuitos de informação científica estabelecidos na Inglaterra oitocentista, bem como dos princípios de confiança e validação de informação a eles associados<sup>44</sup> –, estes indivíduos descreviam-se ao vice-rei conde de Azambuja como súbditos leais da coroa britânica, pessoas confiáveis e creíveis, com interesses náuticos e científicos, cujo trabalho reverteria em benefício da humanidade em geral. Era o reconhecimento da utilidade da sua missão científica, especialmente concedido por George III, que lhes tinha permitido ingressar a bordo do *Endeavour* e de aí beneficiar de acomodações e conforto: "I am a gentleman and one of fortune sufficient to have (at my own expense) fitted out part of the expedition under my own direction; which is intended to examine the Natural History of the countries where we shall touch. For the execution of this understanding I have with me proper People

44

SECORD, Anne. Corresponding interests artisans and gentlemen in the nineteenth-century natural History. In: *British Journal for the History of Science*, vol. 27 (4), p. 383 e ss, dezembro 1994.

45

British Library, *Miscellaneous Papers*, Add. 34 733, fl.38, Memória de Joseph Banks, Esq., ao conde Rolim de Moura, vice-rei e governador-general do Brasil, de 17 de novembro de 1768. Os gastos com a parte científica da expedição foram estimados em £ 10,000.

46

British Library, *Miscellaneous Papers*, Add. 34 733, fl.43v, Resposta de D. António Rolim de Moura a Joseph Banks, Esquire, de 20 de novembro de 1768.

47

AHU, CU, *Rio de Janeiro*, 017, cx. 87, doc. 7647, O memorial de José Banks a S. Exa. conde Rolim vice-rey e capitão-general dos Estados do Brasil, de 17 de novembro de 1768.

48

*James Cook's Journal of remarkable occurrences aboard His Majesty's Bark Endeavour, 1768-1771* ([http://southseas.nla.gov.au/journals/cook\\_remarks/001.html](http://southseas.nla.gov.au/journals/cook_remarks/001.html))

49

Havia contudo suspeitas de contrabando a justificar estas detenções (*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, december, 01, 1768, Rio de Janeiro 98) ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm))

who, as well as myself, have made that science their particular study"<sup>45</sup>. Estes indivíduos eram, para além de Joseph Banks, o botânico sueco Daniel Charles Solander, discípulo de Lineu, os pintores Sidney Parkinson e Alexander Buchanan, um astrónomo, Charles Green, um secretário e quarto criados (dos quais dois eram negros), integrados numa tripulação constituída por um total de noventa e três pessoas.

O universo dos chefes da expedição regia-se por regras de conduta e códigos de etiqueta próprios da aristocracia setecentista, a que não eram alheias noções, tais como honra, lealdade, zelo, cortesia, verdade, respeito – e reciprocidade. Afinal, estas regras de conduta de "pessoas de bem" pareciam ser em tudo, menos na última, idênticas às que regiam as decisões de António Rolim de Moura, que, contudo, iam em sentido oposto às pretensões britânicas. De facto, o vice-rei recusava-se a permitir a entrada de Banks em território brasileiro, invocando que considerava estar "a faltar à minha obrigação e à minha honra" se o permitisse.<sup>46</sup> O factor decisivo que motivava estas divergências parece ser, então, as relações de devoção e lealdade que cada súbdito devia ter com o monarca e na defesa dos interesses do seu país. Ora, isso tinha repercussões e consequências a nível político, epistemológico, cultural e científico.

Contudo, relações cordiais entre os súbditos de estados soberanos como Portugal e Inglaterra implicava, como mencionei, uma reciprocidade que, no entender de Cook, Banks e dos seus homens, não estava a ser observada: "Será necessário lembrar a V. Exa. que os súbditos de S. Majestade Fidelíssima tem sido sempre tratados em diferente maneira em toda a parte dos Domínios de S. Majestade Britânica na Europa, Azia, África e América, donde estou certo que os súbditos de S. Majestade Fidelíssima tem sempre recebido dos officiais de S. Majestade Britânica todo o sinal de gentileza e amizade, porquanto o tal modo he estimado pelos Inglezes hum debito devido a todos os súbditos de hum Rey em paz e amizade com seo Amo"<sup>47</sup>. Ao contrário do que tinha ocorrido em outras viagens anteriores, não tinha havido cerimónias de boas vindas, visitas de cortesia, jantares a bordo ou conversas amenas, e apenas ao comandante da expedição, fortemente escoltado, tinha sido permitido o desembarque para que pudesse apresentar as suas saudações e protestos de paz e amizade ao vice-rei.

Este surgia aos olhos dos leitores britânicos, que liam relatos como os de Cook, Banks e Hawkesworth, como um ignorante que acreditava ainda no sistema geocêntrico e um déspota absoluto que exorbitava os seus poderes, "as absolute as any Monarch on earth"<sup>48</sup>. Não permitia que indivíduos ilustrados cumprissem uma missão científica que beneficiaria a Inglaterra e a humanidade. Era capaz de manter um indivíduo preso sem lhe instruir julgamento ou de enviá-lo a Lisboa sem informar a família do facto. Tal como tinha dado ordens de prisão "without any reason being given" a cinco ou seis ingleses que, neste período, habitavam na cidade e um português que tinha feito algumas transacções em nome da tripulação.<sup>49</sup>

Por seu turno, os súbditos do vice-rei eram definidos como "troublesome people" e "illiterate impolite gentry", "the laziest as well as the most ignorant race in the whole world" que, habitando um território fertilíssimo, em tudo semelhante às Índias Orientais, continuavam a depender de Lisboa para provimento de produtos tropicais, como café e chocolate.<sup>50</sup> Banks, numa linha de pensamento próxima à de autores contemporâneos, como Zacharie de Pazzi de Bonneville (1771), Joseph de La Porte (1772), o

50

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, november 1768; Rio de Janeiro, december 1768, 114 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm))

51

CAÑIZARES-ESGUERA, Jorge. Iberian Science in the Renaissance: ignored how much longer? In: *Perspectives on Science*, vol. 12, n.1, p. 94-95, 2004.

52

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, november 1768, Madeira 31 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm))

53

SCHWARTZ, Stuart B. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Implicit understandings*. Op. Cit, p.3

abade Raynal (1781) – que definiam os espanhóis como os europeus mais brutos, ignorantes, selvagens e bárbaros, em suma, como uma antítese dos modelos de modernidade – , considerava que os portugueses estariam numa escala civilizacional “far behind the rest of Europe, except possibly the Spaniards”<sup>51</sup>. E fundamentava esta afirmação argumentando questões de carácter (inércia, indolência, preguiça e ignorância) e, sobretudo, na falta de iniciativa para implementar manufacturas úteis ou desenvolver técnicas que permitissem o desenvolvimento económico e o aumento de produtividade.

Importa agora clarificar que, de acordo com o espírito da época, estas considerações de Banks resultavam estritamente do que via. E como não tinha aportado no litoral português, não podia descrever a sociedade reinol, nem partir dela para descrever as sociedades de matriz portuguesa com que deparou durante a viagem: as da Madeira e do Rio de Janeiro. Contudo, como homem culto e literato, formado numa universidade de prestígio internacional, não devia ignorar as reflexões de eruditos sobre as sociedades ibéricas. E as características que tinham saltado aos olhos, tanto na Madeira, como no Brasil, permitiam-lhe afirmar que estivessem ambos os territórios “in the hands of any other people in the world, its value might easily be doubled, from the excellence of its climate capable of bearing any kind of crop, a circumstance which the Portuguese do not make the least advantage of”<sup>52</sup>.

Aceitando, então, a premissa recorrente em obras como as acima mencionadas de que os portugueses eram parte de uma *outra* Europa, a Europa Mediterrânica, menos “civilizada” que a Europa do Norte, como estes viajantes caracterizavam as sociedades a que os lusos tinham dado origem nos trópicos? Um local onde, na opinião de Banks, mesmo os produtos intrinsecamente tropicais, como alguns legumes e frutas referidos nos relatos, saiam quase sempre desfavorecidos de uma comparação com o que era produzido ou consumido nos países europeus.

Para além de permitir perceber os pré-juízos e a responsabilidade que os britânicos consideravam ter em relação aos *outros*, a informação analisada permite também perceber os conceitos que a Inglaterra e os ingleses fazem de si próprios, através destes seus representantes e perante as reacções que tiveram perante a sociedade colonial luso-brasileira. Estes indivíduos tinham inscritas nas suas observações ideias, frequentemente não explícitas, deles, dos *outros* e do que lhes conferia identidade – tal como a linguagem, a cor, a etnicidade, a religião, o género – as quais são, muitas vezes, formadas por comparação, bem como por reconhecimento/ identificação ou distanciamento. “Each group’s sense of its own cultural identity shaped its perception of others, and this in turn was refracted back on self-understanding”<sup>53</sup>. Assim, perante a “vociferação” de orações e cânticos, uma manifestação da exuberante catolicidade dos luso-brasileiros, os britânicos distanciam-se como protestantes; face às limitações científicas do vice-rei e do seu *entourage*, que confundiam o trânsito de Vénus com a passagem da Estrela do Norte pelo Pólo Sul assumem-se orgulhosos possuidores de um conhecimento científico mais evoluído, afastados das restrições que a religião católica impunha ao conhecimento científico; quando criticam a ignorância e a falta de curiosidade filosófica que levava a que ninguém tivesse produzido um estudo válido sobre o mundo natural brasileiro desde Piso e Marcgrave, reclamam para si uma função interveniente no estudo científico de locais onde a *ciência* não tinha

54

HAWKESWORTH, John. *An account of the voyages undertaken by the order of His Present Majesty for making discoveries in the Southern Hemisphere and successively preformed by Commodore Byron, Captain Wallis, Captain Carteret and Captain Cook in the Dolphin, the Swallow and the Endeavour, drawn up from the journals which were kept by the several commanders, and from the papers of Sir Joseph Banks, Bart*, p.3 (<http://southseas.nla.gov.au/journals/hv23/title.html>)

55

BLEICHMAR, Daniela. Visible empire: scientific expeditions and visual culture in the Hispanic enlightenment. In: *Postcolonial Studies*, vol.12, n.4, p.448, 2009; GASCOIGNE, John. *Science in the service of Empire: Joseph Banks, the British State and the uses of science in the Age of Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p.23.

56

SCHWARTZ, Stuart B. The formation of a colonial identity in Brazil. In: CANNY, Nicholas; PAGDEN, Anthony. *Colonial identity in the Atlantic world (1500-1800)*. Princeton: Princeton University Press, 1987. p.19

57

*A new voyage round the world describing particularly the isthmus of America, several coasts and islands in the West Indies, the Isles of Cape Verd, the passage by Terra del Fuego, the south sea coasts of Chili, Peru, and Mexico; the Isle of Guam, one of the Ladrões, Mindanao, and other Philippine and East India islands near Cambodia, China, Formosa, Luconia, Celebes, &c., New Holland, Sumatra, Nicobar Isles; the Cape of Good Hope and Santa Hellena: their soil, rivers, harbours, plants, fruits, animals, and inhabitants: their customs, religion, government, trade, &c.* London: Printed for James Knapton, 1697. (<http://www.galapagos.to/TEXTS/DAMPIER-0.HTM> acessado em 08.03.2010)

58

WALTER, Richard. *Voyage round the world in the years 1740, 41, 42,43, 44 by George Anson, esquire, commander in chief of the squadron of His Majesty's ships sent upon an Expedition to the South-Seas compiled from papers and other Materials of the Right Honourable George lord Anson and published under his direction by ... A. Chaplain of his Majesty's ship the Centurion in that expedition*. Londres: printed for the author by John and Paul Knapton, 1748 (versão ed. 1901 em <http://www.gutenberg.org/etext/16611>, acessada a 08.03.2010).

59

Commodore Byron's voyage. In: HAWKESWORTH, John. *An account of the voyages undertaken by the order of His Present Majesty for making discoveries in the Southern Hemisphere...* Op. Cit. <http://southseas.nla.gov.au/journals/hv01/contents.html>, acessado a 08.03.2010).

ainda entrado; enquanto homens ilustrados e civis, distanciam-se do comportamento exorbitante e abusivo dum despótico vice-rei.

De igual modo, percebe-se como interpretavam e reflectiam acerca da grande teoria do lugar da humanidade na natureza ou da função redentora que esperavam da civilização europeia (britânica) a nível global. Nesta linha de raciocínio, "o modelo de desenvolvimento" era o europeu, e o Velho Mundo ocupava um lugar cimeiro na hierarquia civilizacional, embora todos os povos, mesmo os mais bárbaros, incivilizados e incultos, podiam progredir e ser "trazidos à civilização". Neste processo, as expedições financiadas pelos governos das novas potências em ascensão deviam contribuir para civilizar os nativos, ensinando-lhes o exercício das artes na prossecução do bem-estar económico e moral: "the hope of leaving among the rude and incultivated nations that he might discover, something that would render life more value and enrich them, perhaps in a certain degree, with the knowledge or, at least, with the productions of Europe"<sup>54</sup>. Ou seja, para Banks e para os seus contemporâneos, a ciência, a tecnologia e os ideais que lhe estavam associados – como progresso, bem-estar, felicidade – deviam ser partilhados e utilizados em benefício da humanidade em geral: "for the relief of man's state", com vista à obtenção de melhorias económicas e morais; e "for the advancement of Britain's national interests", numa relação de poder que considerava os europeus – e particularmente os britânicos – num patamar civilizacional e material superior, capazes de levar a todas as partes do mundo a ciência e o progresso.<sup>55</sup>

Questionando o *wishful thinking* que emana de "programas civilizacionais" como estes, cumpre, pois, perguntar o que de facto acontecia quando os representantes dos "*mundos civilizados*" ultrapassavam fronteiras geopolíticas e se deparavam com incompreensões não só políticas como também culturais, geradas por "*outros mundos civilizados*", como os criados por poderes coloniais no Atlântico Sul? Ou, reformulando a questão, se, como defende Stuart Schwatz, "in social and religious terms, Brazil was created to reproduce Portugal, nor to transform or transcend it", como pensar as relações que outros europeus (britânicos) desenvolveram com os portugueses na colónia durante a década de 1760 e de que forma é que o aprofundar deste problema pode contribuir para uma melhor compreensão de sentimentos de pertença, de identidades (nacionais e coloniais) ou, ainda, de consciências históricas colectivas?<sup>56</sup>

### ***A natureza brasileira considerada por Joseph Banks: "uma visão muito agradável, que se veio a modificar com o passar do tempo porém sem dúvida que cansará com a continuação"***

O Brasil era descrito por Cook, Banks e Parkinson como uma espécie de "terreno virgem" para os naturalistas, uma vez que muitas das espécies animais, vegetais e minerais observadas não eram conhecidas, nem tinham sido estudadas, classificadas e descritas de acordo com os critérios científicos exigidos pela *ciência de Lineu*, ou observadas e medidas através de instrumentos de precisão transportados nesta viagem, como termómetros e microscópios. Apesar de utilizar livros recentes, como os resultantes das viagens de William Dampier<sup>57</sup>, George Anson<sup>58</sup>, do comodoro Byron<sup>59</sup>, ou das observações científicas de Edwards e Brissons; e não obstante reconhecer validade do saber empírico de marinheiros, pescadores ou carpinteiros para assuntos relacionados com as suas profissões, Joseph Banks possivelmente considerava que as descrições fornecidas por estes indivíduos – que

60

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, november 1768, Rio de Janeiro 94 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm)).

61

CAÑIZARES-ESGUERA, Jorge. Iberian Science in the Renaissance... Op. Cit., p.93. Sobre o Iluminismo católico v. SOUZA, Evergton Sales. The Catholic Enlightenment in Portugal. In: LECHNER, Ulrich L.; PRINTY, Michael (org.). *A companion to the Catholic Enlightenment in Europe*. Leiden e Boston: Brill, 2010. p.359-402.

62

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, november 1768, Rio de Janeiro, 94 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm)).

63

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, december 1768, Rio de Janeiro, 114 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm))

64

Ibidem.

não tinham uma formação científica específica e/ou um conhecimento directo ou actualizado do território brasileiro – não eram suficientemente precisos no que tocava à descrição de espécimes naturais: "Indeed no one that I know of even tolerable curiosity has been here since Marcgrave and Piso about the year 1640, so it is easy to guess the state in which the natural history of such a countrey must be"<sup>60</sup>. À semelhança do que acontecia em relação a Espanha e a territórios hispano-americanos, também os portugueses eram criticados por não serem *observadores filosóficos* e por terem condenado ao abandono científico as colónias brasileiras. É que depois de reconhecidas contribuições epistemológicas ao nível da cosmografia e da náutica (as constelações do hemisfério sul), da botânica e farmacopeia (introdução de novos remédios relacionados com as plantas exóticas dos Novos Mundos) e da geografia em quatrocentos e quinhentos (descobrimto de novas terras), tanto portugueses e espanhóis, súbditos de países *católicos*, estavam, no entender dos britânicos de setecentos, completamente afastados das *ideologias protestante e iluminista* destes viajantes que, em pleno século XVIII e em nome da *ciência*, da *razão* e libertos das limitações impostas pelos dogmas do catolicismo, pretendiam redefinir os limites de mundos habitáveis e a navegabilidade de oceanos.<sup>61</sup>

Era através de relatos como os de Cook, Banks e Parkinson, ou de narrativas como a de Hawkesworth que os europeus iam gradualmente conhecendo a geografia do litoral americano e a imensidade de populações que aí habitava. Na natureza brasílica encontravam-se as flores mais bonitas, os pássaros de plumagem mais elegante, insectos e borboletas de todas as variedades, caranguejos em grande quantidade, "a sight infinitely pleasing to the eye for a short time tho no doubt it would soon tire with the continuance of it"<sup>62</sup>. O açúcar, tabaco e abóboras eram de grande qualidade, mas as couves, ervilhas, favas, feijões e nabos, os ananases, melancias, melões, laranjas, limas, bananas, mangas, cajus, maçãs, peras e pêssegos, muitos deles inegavelmente tropicais, eram consideradas como sendo de qualidade inferior às cultivadas nos jardins britânicos ou provadas pelos apurados paladares europeus; umas vezes insípidas ou ácidas, outras vezes sem sabor ou aroma. As laranjas, sendo melhores do que as que se consumiam em Inglaterra, podiam, no entanto, comparar-se às produzidas em Itália e Portugal. Tal como os pastos eram "the worst I ever saw on account of shortness of grass and consequently the beef sold in the market though it is tolerably cheap is so lean that an Englishman can hardly eat it"<sup>63</sup>. A mandioca, descrita como um substituto de pão, era utilizada pelos luso-brasileiros em forma de "cakes they made with it taste as if they were made of sawdust"<sup>64</sup>. Contudo, a principal riqueza da colónia não provinha da agricultura, mas das minas, localizadas no interior da colónia a uma distância indeterminada e com as vias de comunicação fortemente regulamentadas pelas medidas legislativas emanadas do governo regional e controladas pela vigilância das tropas de dragões. Quanto às manufacturas, excepto as redes de algodão, eram de todo inexistentes no país.

Em relação à cidade do Rio de Janeiro, importa notar que a capital dos domínios portugueses na América do Sul era relatada como sendo comparável a cidades como Bristol ou Liverpool: regular e bem construída, de malha urbana quadricular e dotada de boas casas com balcões, com um aqueduto que supria a cidade de água de qualidade sofrível, detentora de inúmeras igrejas profusamente ornamentadas, e governada por um sistema "much more despotick even than that of Portugal though many

65

Ibidem, 107; *James Cook's Journal of remarkable occurrences...* Op. Cit., ([http://southseas.nla.gov.au/journals/cook\\_remarks/001.html](http://southseas.nla.gov.au/journals/cook_remarks/001.html)).

66

*The Endeavour Journal of Joseph Banks*, vol. I, december 1768, Rio de Janeiro, 128 ([http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series\\_03/download.cfm](http://www2.sl.nsw.gov.au/banks/series_03/download.cfm)).

67

*Discurso do immortal Guilherme Pitt, pronunciado poucos anos antes do seu falecimento, no Parlamento Imperial dos Reinos Unidos da Grã-Bretanha e Irlanda. Contem reflexões e prognósticos dignos de perpétua lembrança dos veneradores deste grande homem de estado.* Lisboa: na Officina de António Rodrigues Galhardo, 1821. p.9.

68

British Library, *Historical Manuscripts Commission. Reports on the manuscripts of the JB Fortescue esp. Preserved at Drogheda*. Vol. IX. Londres: Printed for His Majesty's Stationery Office, 1915. p.143, Carta de Lord Grenville a Henry Dundas, de 11 de Dezembro de 1798.

precautions have been taken to render it otherwise"<sup>65</sup>.

Em suma, a colónia brasileira era considerada por Banks, Parkinson e Cook como um local fertilíssimo e subaproveitado, de bom clima, com abundância de peixes, animais, frutas e muitos outros produtos que não se descreviam porque não tinham sido observados, capaz de produzir tanto géneros de primeira necessidade, como de luxo, com muito pouco esforço ou investimento: "was it in the hands of Englishmen we should soon see its consequence, as things are tolerably plentiful even under the direction of the Portuguese, who I take to be without exception the laziest as well as the most ignorant race in the whole world"<sup>66</sup>.

De que forma é que olhares como estes, expressos na *literatura de viagens* setecentista, que enfatizam a imagem de um Brasil detentor de recursos naturais inesgotáveis e subaproveitados, associada a uma presença portuguesa incapaz de explorar na sua plenitude esses recursos naturais, nomeadamente através do uso de recursos técnicos eficazes, por um lado; e por outro, de britânicos esforçados, trabalhadores, detentores de conhecimentos científicos e recursos tecnológicos, que tinham por vontade e missão levar a "civilização" aos locais por onde passavam, para a honra e a glória do seu país, em particular, e da humanidade, em geral, estão na origem ou influenciaram, de algum modo, os projectos hegemónicos e expansionistas que, nos inícios de oitocentos, colocavam o Brasil no âmago das preocupações imperialistas britânicas?

Neste cenário importa considerar que o período é marcado pela concorrência entre duas grandes forças políticas, a França e a Inglaterra, que se defrontam e que competem pela definição de poderes sobre áreas com interesse político ou económico à escala global. Um dos focos de animosidade neste embate de impérios era Portugal e a sua colónia sul-americana. A vontade de alguns britânicos, como o "imortal Guilherme Pitt", era que os países até então subjugados pela França procurassem a protecção de Inglaterra. O monarca português deveria ir para o Brasil ou, caso não o quisesse fazer, "ignorante dos seus verdadeiros interesses ou corrompido pelas preposições pacíficas da perfídia franceza", a Inglaterra deveria invadir o Brasil. A fundação de um novo Império, governado a partir de um novo centro, Nova Lisboa, em ligação directa com a Europa através de Plymouth, devia excluir Napoleão e "a maldita seita dos Revolucionários Jacobinos", recusando peremptoriamente os emigrantes, a língua, e a cultura francesa. Ao invés, os britânicos transportariam "logo para lá tudo o que pertencer para as fábricas e o que respeita aos tesouros dos três reinos da Natureza, enterrada e escondida naquella região depressa sahirá à luz"<sup>67</sup>.

Projectos semelhantes que reconhecem as potencialidades da natureza e das produções naturais brasileiras, bem como os embates surdos entre as duas grandes potências europeias, encontravam-se subentendidos quando, em 1798, numa missiva dirigida por Lord Grenville, primo de William Pitt e Home Secretary, a Henry Dundas, primeiro visconde Melville e War Secretary durante o governo de Pitt, afirmava que o controle do Brasil pela Inglaterra devia ser integral, nem que para isso tivessem que ceder à França "two small settlements which they [Portuguese] say they have in the Philippine, instead of what France asks of them in Brazil. I conclude few things could be worse for us than France get any foot there"<sup>68</sup>. E persistia ainda em 1807, quando William Eden, primeiro barão de Auckland, presidente do Board of Trade, escrevia a Grenville, então já primeiro-ministro, que "we should acquire exclusively the key to all trade and treasures

of South America"<sup>69</sup>. Agora, o objectivo já não era exclusivamente o Brasil, mas tinha-se alargado a parte significativa do sub-continente sul-americano. Neste período, as intenções imperialistas britânicas, anteriormente manifestadas em planos de Francisco de Miranda e Home Riggs Popham, revelaram-se na anexação de Buenos Aires por tropas britânicas por duas vezes, a primeira sob chefia de William Carr Beresford entre Junho e Agosto de 1806 e a segunda, sob o comando de John Whitelocke, em Julho do ano seguinte.

É já num contexto da Guerra Peninsular e de luta pela sobrevivência de integridade soberana portuguesa que Domingos de Sousa Coutinho, ministro plenipotenciário junto de Sua Majestade Britânica, e George Canning assinaram a Convenção Secreta de 1807, na qual o representante do monarca britânico se comprometia a defender os interesses do regente português, conquanto que este ponderasse a hipótese de transferência da corte para a colónia brasileira e impedisse que as colónias e a marinha mercante e militar de Portugal capitulassem perante Napoleão. Por seu turno, era clara a obtenção de vantagens comerciais por parte de Inglaterra através da tentativa de assegurar a exclusividade comercial com o Brasil, para o que se pretendia reservar a exclusividade sobre Santa Catarina ou outro local da costa brasileira. Com a assinatura deste acordo, a influência formal da Inglaterra sobre Portugal ficava clara. A partir daqui, as pressões de Canning para concretizar as hipóteses aventadas na convenção foram notórias, como por exemplo quando exortava D. João a resistir ao jugo francês e preservar a independência nacional através da reconstituição da sede da monarquia no Brasil.

É já num contexto da Guerra Peninsular e de luta pela sobrevivência de integridade soberana portuguesa que Domingos de Sousa Coutinho, ministro plenipotenciário junto de Sua Majestade Britânica, e George Canning assinaram a Convenção Secreta de 1807, na qual o representante do monarca britânico se comprometia a defender os interesses do regente português, conquanto que este ponderasse a hipótese de transferência da corte para a colónia brasileira e impedisse que as colónias e a marinha mercante e militar de Portugal capitulassem perante Napoleão. Por seu turno, era clara a obtenção de vantagens comerciais por parte de Inglaterra através da tentativa de assegurar a exclusividade comercial com o Brasil, para o que se pretendia reservar a exclusividade sobre Santa Catarina ou outro local da costa brasileira<sup>70</sup>. Com a assinatura deste acordo, a *influência formal* da Inglaterra sobre Portugal ficava clara. A partir daqui, as pressões de Canning para concretizar as hipóteses aventadas na convenção foram notórias, como por exemplo quando exortava D. João a resistir ao jugo francês e preservar a independência nacional através da reconstituição da sede da monarquia no Brasil.

De acordo com José Jobson Arruda, esta era uma alternativa a um projecto secreto definido pelo governo britânico em 1805, para invadir com 18 000 homens a colónia portuguesa e utilizar os portos coloniais como "plataforma de conquista" para uma expansão agressiva na América do Sul rumo ao Pacífico: o *Plan to open new sources of trade*, era "considerado indispensável e emergencial face à ruptura de balança de poderes no continente europeu resultante da expansão francesa, forçando os ingleses a garantirem sua própria independência por um sistema de compensações em escala mundial". A troca de auxílio financeiro, protecção militar e de se assegurar aos sul-americanos o exercício dum comércio livre, os britânicos



asseguravam-se do abastecimento regularizado de cânhamo e madeira para a sua indústria naval, de algodão para a sua indústria têxtil e de ouro e prata em quantidade.<sup>71</sup>

Com este estudo de caso pretendemos contribuir para mostrar que os choques culturais e as fronteiras interculturais não são exclusivos do período de chegada dos europeus à América, nem se restringem unicamente aos contactos e confrontos ocorridos entre europeus e ameríndios, africanos ou asiáticos. Semelhante perspectiva, baseada em noções restritivas de identidade, é estreita. Durante o período em consideração, os Impérios e as "ambições" imperiais determinaram alguns contactos e confrontos culturais, sem que, por vezes, deste processo tivesse resultado qualquer tipo de intercâmbio, fusão, "empréstimo" ou apropriação – constatação que se pode explicar pela brevidade de muitos destes contactos. Contudo, estes podem ser compreendidos no âmbito da acção dos Impérios europeus e das redes constituídas com objectivos de poder, influência e domínio sobre *outros*. Fenómenos deste tipo não têm sempre, como pretendemos exemplificar, expressões violentas, patentes, por exemplo, na sujeição/aculturação de povos, na conquista territorial e militar ou nas práticas políticas. Ao invés, podem impor-se (e evidenciar-se) pelo conhecimento de uma superioridade a nível científico e tecnológico, pelo reconhecimento da incapacidade de uma nação em explorar competentemente as potencialidades naturais ou manufactureiras; ou pela ambição de estabelecer um controlo monopolístico de produtos coloniais supostamente com vista ao desenvolvimento comercial e mercantil à escala global e, por vezes, para honra, glória e proveito de um país específico, neste caso concreto, a Inglaterra.

Como pode ser percebido por este estudo de caso, centrado nos relatos de viagem de Cook, Banks e Hawkesworth, estas redes articulam-se, por vezes de forma nebulosa, com hierarquias de raça, classe social, religião, conhecimento, entre outras, projectando os seus protagonistas como influentes e superiores e os outros como subordinados ou inferiores. Neste caso particular, os *outros* não eram os africanos, os asiáticos ou os ameríndios. Eram os portugueses nos trópicos.